

FRASER, Nancy. *Capitalismo canibal: como nosso sistema está devorando a democracia, o cuidado e o planeta e o que podemos fazer a respeito disso*. São Paulo: Autonomia Literário, 2024, 234p. ISBN: 978-65-5497-004-4

Capitalismo e Sociedade Contemporânea são dois temas importantes para as discussões em Filosofia Social e Teoria Crítica. Nessas discussões, o pensamento da filósofa norte-americana Nancy Fraser possui destaque por sua abrangência, profundidade e influência. A autora, considerada representante da terceira geração de estudiosas da Teoria Crítica tem apresentando um trabalho consistente e perspicaz em suas análises das sociedades contemporâneas, do capitalismo e do feminismo. Nancy Fraser (1947) trabalha na *News School for Social Research* em Nova York - EUA, e é professora convidada em várias instituições internacionais. Ela tornou-se mais conhecida por seu trabalho em torno das questões de justiça social e teoria do reconhecimento; e por seu debate com Axel Honneth sobre esse tema em 2023 em *Redistribution or recognition?*. Preocupada com temas da justiça integral e das políticas emancipatórias; a autora produz um interessante diálogo a partir de suas influências intelectuais: a Escola de Frankfurt, o Pragmatismo Norte-Americano e o Estruturalismo Francês. De fato, Fraser é um excelente exemplo de pensadora contemporânea.

O livro apresentado aqui *Capitalismo canibal* já deixa claro, em seu título, qual será a direção crítica tomada pela autora, a saber, *como nosso sistema está*

devorando a democracia, o cuidado e o planeta e o que podemos fazer a respeito disso. No prefácio intitulado *Capitalismo canibal: estamos fritos?*, a autora apresenta as dificuldades pelas quais passamos: endividamento devastador, precarização e meios de vida sitiados, declínio dos serviços, dilaceramento das infraestruturas, pandemias morais e eventos climáticos extremos. Tudo isso vivido em meio a disfunções políticas que bloqueiam nossa capacidade de vislumbrar e implementar soluções eficazes e duradouras para esse e outros problemas (p.13).

A proposta da autora é apresentar um diagnóstico de nossas sociedades capitalistas contemporâneas utilizando a metáfora do canibalismo onde nós somos o prato principal. O livro quer investigar a atual conjuntura social a partir das suas opressões, contradições e conflitos; e as injustiças sociais que isso gera, seja na exploração de classes, na dominação de gênero e na opressão racial. Daí, por um lado, surgem as crises próprias das sociedades capitalistas: econômica, de cuidado, ecológica e política. Por outro lado, isso tudo estimula as lutas sociais de classes e de fronteiras; e as disputas no âmbito do poder público. Neste cenário, a pergunta que a autora se propõe a responder é instigante: “Será que conseguiremos vislumbrar um projeto emancipatório e contra-hegemônico de transformação ecossocial de envergadura e visão suficiente para coordenar as lutas de múltiplos movimentos sociais, partidos políticos, organizações sindicais e outros atores coletivos? (p.17).

O primeiro capítulo, *Onívoro: porque precisamos ampliar nossa concepção de capitalismo*, constrói o pano de fundo das discussões seguintes: afinal de contas, o que é o capitalismo? Como conceituá-lo da melhor forma? Ele é apenas um sistema econômico, ou também, uma forma de vida ética e uma ordem social institucionalizada? Para tal empreita, a autora começa analisando e definindo as características do capitalismo segundo Marx. Vários temas são discutidos: a propriedade privada e os meios de produção, o livre-mercado de trabalho e seu estatuto jurídico, a ideia de valor que se expande e a acumulação do capital, o papel distintivo dos mercados na sociedade capitalista e a produção do excedente, e finalmente a exploração e expropriação geradas pelo sistema capitalista. Para Fraser, o capitalismo como ordem social vive da acumulação, mas também da reprodução social e da canibalização da natureza. Sendo assim, o capitalismo é maior que a economia, ele é uma ordem social institucionalizada que gera constantes crises pela forma como canibaliza as relações e as estruturas de sociabilidade. Por outro lado, para sustentar-se como sistema de vida social ele gera determinados valores que, associados a ele, estruturam a compreensão e organização da vida dos indivíduos e sociedades: crescimento, eficiência, troca igual, escolha individual, liberdade negativa e avanço meritocrático.

No segundo capítulo, *Goela abaixo: por que o capitalismo é estruturalmente racista*, Fraser analisa a questão da opressão racial associada ao capitalismo escravista do século dezanove e ao capitalismo industrializado do século vinte. Nas palavras da autora: “Em todas as suas encarnações até hoje, a sociedade capitalista sempre esteve entrelaçada com a opressão racial” (p.53). Ora, a opressão racial é alimentada por dois processos que estão na base da acumulação do capital, a exploração e a expropriação.

Para desenvolver esse argumento, a autora analisa a história do capitalismo desde o capitalismo comercial ou mercantil do século dezesseis até o atual regime do capitalismo financeirizado. Então, ela chega à conclusão de que o atual sistema capitalista é, também, predatório e gerador de antagonismos raciais que estão em forte ascensão.

Devorador de cuidados: por que a reprodução social é um grande campo de crise capitalista é o título do terceiro capítulo. Aqui, Fraser estuda a questão da reprodução social presente no cuidar das famílias, manter as casas, sustentar comunidades, nutrir amizades, construir redes políticas e estabelecer solidariedades, ou seja, toda a dimensão da formação e manutenção dos vínculos sociais. Existe um trabalho do cuidado na reprodução social da qual a economia capitalista depende, mas não atribui valor monetário, e são tratados como se fossem gratuitos. Esses trabalhos de cooperação social são essenciais ao sistema capitalista como, por exemplo, a criação das crianças e a socialização da juventude, o cuidar das pessoas idosas, gerar e criar filhos, manter casas, construir comunidades e sustentar sentimentos partilhados, disposições afetivas e horizontes de valor. Nas palavras da autora: “Ironicamente, o trabalho do cuidado produz o trabalho que o sistema chama de produtivo, mas ele próprio é considerado improdutivo” (p.92). “A reprodução social é precondição indispensável para a produção econômica em uma sociedade capitalista” (p.93). Importante destacar a discussão sobre as lutas de fronteiras nesse tópico, mais especificamente, a questão do novo feminismo socialista como um dos caminhos de solução para uma possível nova estruturação da ordem social.

Natureza no bucho: por que a ecopolítica deve ser transambiental e anticapitalista -

quarto capítulo. Neste capítulo, Fraser trata do tema da ecopolítica. Para ela, proteger o planeta exige a construção ativa e consciente de um projeto contra hegemônico amplamente compartilhado pelas sociedades e nações. Neste aspecto não podemos perder de vistas que a economia capitalista é constitutivamente dependente da natureza como fonte de insumos e escoador de resíduos. O sistema capitalista entende a natureza como disponível para ser processada infinitamente na produção de mercadorias. Mas, como essa atitude ele se mostra canibal e extrativista, consumindo as riquezas biofísicas sem reposição e acumulando um grande estrago ecológico. Para Fraser, “A economia capitalista está sempre à beira de desestabilizar suas próprias condições ecológicas de possibilidade” (p.131). O assustador é que esse sistema gera, como *modus operandi*, vulnerabilidades ecossistêmicas contínuas que se transformam, na maioria das vezes, em catástrofes ambientais insuperáveis.

O quinto capítulo tem como título: *Abatendo a democracia: por que a crise política é a carne vermelha do capital*. Aqui Fraser analisa as contradições políticas do capitalismo, a saber, que o capital depende dos poderes públicos para estabelecer e fazer valer suas características constitutivas como iniciativa privada, troca mercadológica, direitos de propriedade e um aparato jurídico que julgue as controvérsias geradas na sociedade. Assim, para a autora, o poder público é parte intrínseca do capitalismo como ordem social institucionalizada. No entanto, ocorre uma transformação nesse aspecto político na era do capitalismo financeiro. O capitalismo atual, financeirizado, é a era da governança sem governo, da dominação sem dissimulação do consentimento, do esvaziamento do poder público em todos os níveis. Vivemos um momento social onde os estados

são substituídos por bancos centrais e instituições financeiras globais na construção de uma economia cada vez mais globalizada. Em resumo: “A ação democrática está sendo apropriada por um novo constitucionalismo que estabelece a política macroeconômica neoliberal no âmbito transnacional por meio de tratados que consagram as restrições do livre-comércio como trunfos políticos e impedem a implantação de leis sociais e ambientais robustas e de interesse público” (p.175).

Nutrindo a reflexão: que sentido deve ter o socialismo no século XXX? - Capítulo sexto. Aqui a autora desenvolve a pergunta: O socialismo é uma alternativa ao capitalismo? Primeiramente, a autora faz uma recapitulação sobre o que é o capitalismo e suas relações intrínsecas com as condições não econômicas. Depois, ela parte para o questionamento sobre o que existe de errado, em sua opinião, no capitalismo. Para Fraser, o capitalismo apresenta uma visão estreita sobre temas importantes como desigualdade social, exploração de trabalhadores, tendência à acumulação ilimitada e exploração irresponsável dos recursos naturais. O capitalismo, portanto, na opinião de Fraser, é perpassado por injustiças estruturais. Então, o socialismo é uma alternativa?

Fraser se pergunta sobre o que é o socialismo? Ele pode corrigir os males do capitalismo? Ele pode inventar uma nova ordem social? Ele pode desinstitucionalizar as várias tendências de crise, não só econômicas e financeiras, mas também ecológicas, de reprodução social e políticas? Ele pode alargar o horizonte e alcance da democracia? É possível para a Filosofia Social assumir a tarefa de repensar o socialismo para o século vinte e um? A proposta da autora é a de que o socialismo pode ajudar a discutir e propor novas abordagens entre as relações de produção/repro-

dução, sociedade/natureza e econômico/político. Reinventar e reestabelecer novas formas de cuidado com as pessoas, com a natureza e com a democracia. Pode ser um lugar onde o autogoverno das sociedades seja pautado por decisões democráticas tomadas pelo coletivo com a participação em igualdade de condições. Portanto, nas palavras de Nancy Fraser: “Um socialismo para o nosso tempo deve superar não apenas a exploração do trabalho assalariado pelo capital, mas também seu parasitismo sobre o trabalho do cuidado não remunerado, os poderes públicos e as riquezas expropriadas dos povos sujeitados e racializados e da natureza não humana” (p.206). A autora termina seu texto dizendo que o projeto socialista para o século vinte é uma al-

ternativa genuína para viver bem, livres e democraticamente. Ora, na minha opinião, como escrevi ao apresentar outro livro da autora, *Capitalismo em debate: uma conversa na Teoria Crítica*, este livro também nos ajuda a compreender as dinâmicas do capitalismo atual e de nossa vida social contemporânea. Mas, apesar dos esforços de Nancy Fraser em propor e defender um certo tipo de socialismo, ficamos com a impressão, que já se tornou lugar comum, que é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo.

Elton Vitoriano Ribeiro
Departamento de Filosofia - FAJE